



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS

LUCIMEIRE DE SOUZA FIGUEIREDO

USO INDISCRIMINADO DE PSICOTRÓPICOS: ANÁLISE DO PERFIL DE USUÁRIOS  
EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

SÃO PAULO  
2020

LUCIMEIRE DE SOUZA FIGUEIREDO

USO INDISCRIMINADO DE PSICOTRÓPICOS: ANÁLISE DO PERFIL DE USUÁRIOS  
EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Especialização em Saúde da  
Família da Universidade Federal de São Paulo  
para obtenção do título de Especialista em  
Saúde da Família

Orientação: SUYANE DE SOUZA LEMOS

SÃO PAULO  
2020

## **Resumo**

O uso indiscriminado de psicotrópicos é uma preocupação mundial, não se tratando de uma ocorrência localizada, e traz diversos malefícios para os pacientes que fazem uso dessas drogas. De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o percentual de internações hospitalares provocadas por reações adversas a medicamentos ultrapassa de 10%. Esses medicamentos promovem altas taxas de dependência, o que leva ao aumento da dose necessária para o mesmo efeito terapêutico, aumentando assim sua prescrição, e abrange pessoas de diversas classes sociais e faixa etária. O aumento do consumo de psicotrópicos, automedicação, o abuso e dependência de benzodiazepínicos é reconhecido como um problema de saúde pública. Além da gravidade da automedicação, tem-se a excessiva prescrição por parte dos médicos. Esse estudo busca delinear o perfil dos usuários de psicotrópicos que frequentam a USF de uma cidade do interior do estado de São Paulo, e com isso criar estratégias para reduzir as prescrições e uso de medicamentos.

## **Palavra-chave**

Dependência Química. Antidepressivos. Ansiolíticos. Abuso de Substâncias Psicoativas. Psicotrópicos. Abuso de Substâncias.

## **PROBLEMA/SITUAÇÃO**

A agitação do dia a dia, a necessidade de cumprir metas ou elevadas horas de trabalho, muitas vezes jornadas duplas, talvez por conta das cobranças do mundo atual, ditadas pela concorrência, onde tudo requer perfeição e rapidez, direcionando à determinado ritmo e estilo de vida, conseqüentemente levando o indivíduo a vivenciar situações estressantes. Esses fatores têm impulsionado na busca de medicamentos ou substâncias químicas como forma de alívio.

O relatório *Depression and other common mental disorders: global health estimates*, publicado pela World Health Organization (WHO, 2017), aponta que o Brasil encontra-se em primeiro lugar no *ranking* Latino Americano da depressão, ocupando a quinta posição mundial. No ano de 2015, 4,4 % da população global, o equivalente a 322 milhões de pessoas sofriam de algum tipo de desordem depressiva, sendo desse montante, 11,5 milhões (5,8%) brasileiros. Nesse mesmo relatório observou-se que o transtorno de ansiedade afetava 264 milhões de pessoas do mundo, sendo 18,7 milhões no Brasil, correspondendo a 9,3% da população nacional, o que evidenciou que um em cada dez brasileiros enfrentava algum tipo de fobia, entre síndrome do pânico, transtorno obsessivo-compulsivo e desordens de estresse pós-traumático, ansiedade social e ansiedade generalizada, havendo um índice de prevalência maior entre as mulheres.

Segundo a WHO (2007), a depressão é um transtorno comum e difere de flutuações regulares de humor e de respostas emocionais de curta duração aos desafios da vida cotidiana, podendo se tornar uma séria condição de saúde. Tem como consequência o sofrimento, afetando todas as áreas da vida (trabalho, escola ou meio familiar), podendo levar até mesmo o indivíduo a cometer o suicídio.

No ano de 2016 quase 75 mil trabalhadores brasileiros recorreram a Previdência Social para o afastamento de suas atividades, em razão dos problemas acarretados pelo distúrbio da depressão. Segundo dados mais recentes de 2018 da OMS, vem ocorrendo um aumento global dos casos de depressão, e até 2020, estima-se que será a doença mais incapacitante do mundo (PIMENTA, 2019).

É sabido que o homem sempre se valeu do uso de algum tipo de substância química como meio de alterar a própria consciência, induzindo ao sono, buscando sedação e alívio para o stress cotidiano, intuindo produzir reações mentais ou físicas que deem prazer, ainda que temporário.

Em grande parte dos casos, o uso de medicamentos é recomendado, no entanto, quando se tem o uso abusivo de fármacos psicoativos ou a automedicação, essa utilização é questionável. Constantemente estudos são apresentados analisando o perfil desses usuários, assim como meios para reduzir o desenfreado uso desses medicamentos, ou ainda como forma de alerta à população dos malefícios ou graves efeitos colaterais que isso pode ocasionar.

Dentre os efeitos do uso prolongado de alguns medicamentos, além de provocar a dependência química, promover efeitos colaterais indesejáveis, trazendo a dificuldade em levar ao término um tratamento, pode até mesmo levar a degeneração de células, ocasionando lesões irreversíveis. O uso abusivo de medicamentos é um problema social e

mundial, não tem um perfil de usuário específico, uma classe social, ou seja, pode atingir qualquer pessoa, sem distinção.

No que diz respeito a Atenção Primária à Saúde (APS), o tema tratando sobre a abuso de psicotrópicos ainda é escasso, apesar da gravidade do problema e de ser uma realidade que apresenta preocupação, dado aos efeitos colaterais e ou prevalência a dependência química (CARVALHO, 2015).

É por meio das Unidades Básicas de Saúde (UBSs), que o trabalho de Estratégia de Saúde familiar (ESF), assegura a atenção aos usuários, acolhendo, criando vínculo e se responsabilizando pelo cuidado, com acompanhamento multidisciplinar aos usuários.

Foi possível observar que um grande número de pacientes em tratamento na Unidade de Saúde Básica (USB) do Bairro Nova Europa de Limeira, onde será aplicado o estudo, apresentam sintomas de depressão e solicitam medicamentos para tal fim. Curiosamente, todos os pacientes com fibromialgia desta unidade apresentaram depressão, ainda que nem todos com depressão tenham demonstrado fibromialgia, e esses depressivos acabam retornando mais de uma vez por mês para consulta.

Desta forma, investigar sobre o perfil dos usuários desses medicamentos nesta USB torna-se relevante e, constitui-se um problema a ser enfrentado, até mesmo como forma de apresentar planejamentos de intervenções à comunidade que fazem uso abusivo ou automedicação de psicotrópicos.

Diante do exposto, o objetivo desse estudo, mediante constatação do uso de psicotrópicos por alguns pacientes, é criar estratégias educativas para alertar e reduzir a prescrição e uso de psicotrópicos.

## **ESTUDO DA LITERATURA**

Os psicotrópicos agem como modificadores seletivos do Sistema Nervoso Central (SNC), e podem ser divididos em 4 categorias principais: os ansiolíticos sedativos, os antidepressivos e os antimaníacos ou estabilizadores do humor (BRAGA et al. 2016).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) classifica os psicotrópicos em ansiolíticos e sedativos; antipsicóticos (neurolépticos); antidepressivos (AD); estimulantes psicomotores; psicomiméticos e potencializadores da cognição, incluindo medicamentos com ação antidepressiva, alucinógena e/ou tranquilizante (WHO, 2017).

Conforme Loyola Filho (2014), os antidepressivos são indicados em manifestações agudas de depressão moderada e grave, no tratamento de outros problemas de saúde como transtornos de ansiedade e dores crônicas, intuindo a melhora dos sintomas ou remissão completa.

Segundo Prado, Francisco e Barros (2017), a percepção de melhora em transtornos psiquiátricos, a inserção de novos fármacos no mercado farmacêutico e indicação terapêutica de psicofármacos, tem levado a um aumento substancial dos psicotrópicos, principalmente dos antidepressivos. Outro fator a ser considerado é a indicação em tratamento para idosos com depressão, decorrente de dores crônicas, limitação física e social consequentes da própria idade (LOYOLA FILHO, 2014).

Para Yoneyama, Maruiti e Esteves (2016) a prevalência mostrada na literatura pelo uso de psicotrópicos pela população idosa, tem como uma das hipóteses a percepção de que esses sejam mais frágeis e vistos como mais doentes e deprimidos, fazendo com que haja um maior número de prescrição dos medicamentos, ainda que o correto seria a prescrição de menores doses, por tempo mais reduzido e dando preferência a substâncias de meia-vida curta, em doses únicas ou alternadamente, como forma de evitar os efeitos colaterais adversos pelo uso corrente da droga. Outra hipótese é o aumento gradativo do envelhecimento populacional, aumentando a prevalência de doenças neurodegenerativas e psiquiátricas (depressão, ansiedade) em idosos.

Nos estudos de Prado, Francisco e Barros (2017), buscando averiguar o uso de medicamentos psicotrópicos em adultos e idosos residentes na cidade de Campinas, interior do Estado de São Paulo, constataram haver a prevalência de uso em 10,8% dos idosos atendidos, além da constatação que dentre os grupos de psicotrópicos, os antidepressivos foram os mais usados. Como um alerta, os autores pontuaram a necessidade de considerar o uso de psicotrópicos conforme o diagnóstico, incluindo nesta indicação eventuais comorbidades, informando que para muitos transtornos é preferencial a terapia medicamentosa.

Esse alerta deve ser potencializado tendo em vista que o uso de substâncias químicas causam alterações na consciência para a indução do sono, obtenção de sedação e alívio para as tensões cotidianas, produzindo reações físicas ou mentais temporariamente prazerosas, o que tem feito os indivíduos a buscarem por esse tipo de medicamento (LINDNER, 2017), sendo esse um dos fatores que impulsionam também a automedicação. Neste contexto os ansiolíticos e antidepressivos aparecem como um recurso legítimo capaz de responder ao mal-estar e ao sofrimento (PICHETH; ICHIKAWA, 2015).

De acordo com Azevedo, Araújo e Ferreira (2016) o abuso ou uso nocivo seria um momento intermediário entre o uso recreativo (de baixo risco, não sendo caracterizado como um problema médico) e a dependência, sendo que nesse intervalo já há prejuízo decorrente do consumo da substância, mas ainda há algum controle do indivíduo quanto à quantidade consumida e à duração dos efeitos.

Conforme estudo desenvolvido por Firmino (2012), cerca de 2% da população adulta dos EUA e quase um milhão de pessoas no Reino Unido recebem uma prescrição de benzodiazepínicos (BZD) por 12 meses ou mais, sendo 50% desses indivíduos utilizam o medicamento por cinco ou mais anos. No Chile, decorrente do uso inadequado desde a década de 1980, vem sendo detectadas prevalências alarmantes do consumo sem indicação clínica justificável.

No mesmo estudo, Firmino (2012) relembrou dados nacionais do primeiro levantamento domiciliar realizado no Brasil, em 2001, o qual relacionava que 3,3% dos entrevistados declararam fazer uso de BDZ sem receita médica, estimando uma população adulta usuária crônica de BZD igual a 1,6%. Em 2005, conforme análise do II Levantamento domiciliar sobre o uso de medicamentos psicotrópicos na região Sudeste e Sul respectivamente, possuíam as maiores proporções de indivíduos em consumo do fármaco. Estima-se que a utilização da substância sobe a cada cinco anos. Os indivíduos que abusam desses medicamentos geralmente o fazem para lidar com os problemas cotidianos e as reações de estresse da vida diária.

No caso de consumo de BZD no Brasil, esse sofre influência de fatores que vão desde a facilidade médica em receitá-los e a automedicação, até a popularização entre pares através do empréstimo e/ou indicação dos usuários para familiares ou amigos (SOUZA; OPALEYE; NOTO, 2013), ou seja, sem receita médica (AZEVEDO; ARAÚJO; FERREIRA, 2016) ou em ambiente hospitalar, ocorrendo o risco de serem administrados junto a outros medicamentos, considerando que nesses lugares as interações medicamentosas ocorrem na ordem de 5,4% a 69,7% (MOURA et al., 2016). Como outro fator preocupante, as características da sociedade moderna como estresse no ambiente de trabalho, má remuneração, desmotivação e longas jornadas de trabalho também levam ao favorecimento para o uso de BZD (FIRMINO, 2012).

Em estudo nacional Wanderley, Cavalcanti e Santos (2013), e mais recentemente Moura et al. (2016), reforçaram o alerta ao constatarem o uso abusivo e a gravidade relacionada ao uso indiscriminado de benzodiazepínicos pela população assistida pelos serviços públicos de saúde, no setor da APS, mais precisamente pelos usuários da Estratégia Saúde da Família (ESF).

Apesar da gravidade do uso abusivo e automedicação, o uso dessas substâncias aumentou, visando combater o sofrimento, a tristeza, o insucesso, a depressão e as pressões sofridas diariamente, quase comuns nos dias atuais, onde as pessoas quase sempre ultrapassam seus próprios limites para serem socialmente aceitas. Ainda que se consideramos as substâncias legais e socialmente aceitas, como cafeína, tabaco e álcool, o número de indivíduos que não utilizam alguma substância para este fim, atualmente é baixo.

Tantos os estudos nacionais quanto os internacionais têm alertado sobre o uso abusivo dessas drogas como um problema de saúde pública em escala global. Fenômeno esse que pode ser constatado a nível individual e no quantitativo (MARTINS et al, 2017).

Segundo Aquino (2008, p. 733):

Pelo menos 35% dos medicamentos adquiridos no país são comprados por automedicação. Os medicamentos são responsáveis por 27% das intoxicações no Brasil, e 16% dos casos de morte por intoxicações são causados por medicamentos. Além disso, 50% de todos os medicamentos são prescritos, dispensados ou usados inadequadamente, e os hospitais gastam de 15 a 20% de seus orçamentos para resolver as complicações causadas pelo mau uso dos mesmos.

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), órgão vinculado ao Ministério da Saúde, em território nacional tem objetivo de coibir o uso abusivo e indevido, proteger e promover a saúde e o bem-estar da população, e por meio da Portaria 344/98, instrumento legal sanitário, define as diretrizes de uso das substâncias e medicamentos sujeitos ao controle especial (BRASIL, 1998).

Existem esforços em controlar a distribuição e comercialização dos psicotrópicos por diversos sistemas de informação, dentre eles o Sistema Nacional de Gestão da Assistência Farmacêutica - o Hórus -, que atende a gestão da Assistência Farmacêutica no Sistema Único de Saúde (SUS). A distribuição de medicamentos em qualquer nível de atenção à saúde, faz parte de uma das atividades da AF, sendo suas funções definidas pela Política Nacional de Medicamentos (PNM), aprovada em 1998.

Diante do exposto, o tema é relevante e requer medidas que minimizem ou erradiquem o uso abusivo dos psicotrópicos.



## **AÇÕES**

O estudo tem como meta avaliar um total de 50 prontuários arquivados no ano de 2018, em uma Unidade de Saúde Básica de uma cidade no interior do estado de São Paulo.

Como critério de inclusão desses documentos, participará todos os pacientes maiores de 18 anos que fizeram uso dos medicamentos diariamente, e excluídos prontuários de crianças e pessoas que não usaram psicotrópicos ou que tenham interrompido o tratamento.

Ações:

- 1) Analisar o gênero dos usuários de psicotrópicos;
- 2) Verificar a faixa etária dos indivíduos que fizeram uso dos psicotrópicos;
- 3) Verificar as patologias relacionadas como indutoras ao uso dos psicotrópicos pelos pacientes;
- 4) Criar projetos conjuntos entre todos os membros da equipe, buscando métodos que possam trazer benefícios e reduzir o uso inadequado dos psicotrópicos;
- 5) Utilizar divulgação por cartazes no bairro, indo além da fronteira da unidade física da USB, alertando sobre as consequências do uso indiscriminado de medicamentos;
- 6) Promover palestras explicativas sobre o uso indiscriminado de medicamentos, com temas que a equipe possa abordar e que estejam relacionados as consequências nocivas do uso de psicotrópicos.
- 7) Divulgar na unidade, por meio de vídeo de curta duração na sala de espera, as opções que o paciente possa ter além do uso de medicamentos, como atividades físicas, atividades manuais, etc.

A equipe envolvida nesse projeto são profissionais de psicologia, psiquiatria, nutricionista (muitos casos de ansiedade e depressão levam a compulsão por doces e comidas), endocrinologia, ginecologia, geriatria (em casos que envolvam alterações hormonais e casos de necessidade de encaminhamentos), ortopedia, fisioterapia (casos relacionados a fibromialgia, pois pacientes com esse doença requerem de encaminhamento para tratamentos paliativos); e educação física.

## **RESULTADOS ESPERADOS**

Neste levantamento, serão coletados dados de prontuários de pacientes de uma determinada cidade do interior Paulista, onde são armazenadas informações transcritas por meio das notificações de receita através de prontuário clínico dos pacientes.

Diante da literatura estudada, o gênero dos pacientes que mais utilizam os psicotrópicos são as mulheres, quanta a faixa etária parece prevalecer os idosos, induzidos pelos problemas decorrentes da própria idade.

Neste estudo foi possível constatar a quantidade de literatura disponível, tanto nacional quanto internacional sobre problemas de saúde pública que atinge a população de forma global, e esse aspecto sem dúvida reforça a preocupação em se avaliar o perfil dos usuários que fazem uso de psicotrópicos.

Mediante a criação de estratégias informativas, espera-se reduzir a quantidade de prescrição e conseqüentemente, o uso de psicotrópicos.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, D. S. de. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. p. 733-736, Abr. 2008. Disponível em < o. >. Acesso em: 26 nov. 2019.

AZEVEDO, A. J. P.; ARAÚJO, A. A.; FERREIRA, M. A. F. Consumo de ansiolíticos benzodiazepínicos: uma correlação entre dados do SNGPC e indicadores sociodemográficos nas capitais brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 83-90, 2016. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232016000100083](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000100083). Acesso em: 26 nov. 2019.

BRAGA, D. C. et al. Uso de psicotrópicos em um município do meio oeste de Santa Catarina. **Journal of the Health Sciences Institute - Revista do Instituto de Ciências da Saúde**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 108-113, 2016. Disponível em < [https://www.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2016/02\\_abr-jun/V34\\_n2\\_2016\\_p108a113.pdf](https://www.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2016/02_abr-jun/V34_n2_2016_p108a113.pdf) >. Acesso em: 26 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. **Portaria Nº 344, de 12 de maio de 1998**. Aprova o Regulamento Técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial.

CARVALHO, J. S. **Uso de psicotrópicos por pacientes de unidade básica de saúde do povoado Branca Atalaia - AL**. Orientadora: Ana Renata Lima Leandro, 2015. 24 f. Dissertação (Especialista)- Universidade Federal de Minas Gerais, Maceió, AL, 2015. < [https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/Uso\\_de-psicotropicos\\_por\\_pacientes.pdf](https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/Uso_de-psicotropicos_por_pacientes.pdf) >

FIRMINO, K. F. et al. Utilização de benzodiazepínicos no Serviço Municipal de Saúde de Coronel Fabriciano, Minas Gerais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 157-166, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232012000100018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000100018). Acesso em: 2 Jan. 2020.

LINDNER, P. M. **Benzodiazepínicos**: uma revisão quanto aos aspectos farmacológicos, ao risco, dependência e abuso. Dissertação (especialista)-Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes -RO, 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/131833668-Faculdade-de-educacao-e-meio-ambiente.html>. Acesso em: 26 nov. 2019.

LOYOLA FILHO, A. I. et al. Tendências no uso de antidepressivos entre idosos mais velhos: Projeto Bambuí. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.48, n. 6, p.857-65, dez. 2014.

MARTINS, I. C. et al. "O que não tem remédio nem nunca terá": um estudo a partir do uso abusivo de benzodiazepínico em mulher. **REME - Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, n.21, p. e1015, 2017. Disponível em: DOI: 10.5935/1415-2762.20170025

MOURA, D. C. N. et al. Uso abusivo de psicotrópicos pela demanda da estratégia saúde da família: revisão integrativa da literatura. **SANARE**, Sobral, v.15 n.2, p.136-144, Jun./Dez. 2016. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1048> . Acesso em:

3 Jan. 2020.

PICHETH, S. F.; ICHIKAWA, E. Y. Uso de ansiolíticos e antidepressivos por bancários: um estudo de representações sociais. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, Minas Gerais, v. 10, n. 2, p. 354-67, 2015. Disponível em:

[http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista\\_ppp/article/view/Picheth%2C%20Ichikawa](http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/Picheth%2C%20Ichikawa).

Acesso em: 2 jan. 2020.

PIMENTA, T. **Depressão profunda: como lidar com a doença?** 14 de março de 2019.

Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/depressao-profunda/> Acesso em: 2 jan. 2020.

PRADO, M. A. M. B.; FRANCISCO, P. M.S. B.; BARROS, M. B. A. Uso de medicamentos psicotrópicos em adultos e idosos residentes em Campinas, São Paulo: um estudo transversal de base populacional. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 26, n. 4, p. 747-758, dez. 2017. Disponível em <

<http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742017000400007>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

SOUZA, A. R. L.; OPALEYE, E. S.; NOTO, A. R. Contextos e padrões de uso de benzodiazepínicos entre mulheres. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1131-1140, abril de 2013. Disponível em

<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000400026>. Acesso em; 3 jan. 2020.

WANDERLEY, T. C.; CAVALCANTI, A. L.; SANTOS, S. Práticas de saúde na atenção primária e uso de psicotrópicos: uma revisão sistemática da literatura. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, Bahia, v 12, n.1. p. 121-126, 2013. Disponível em: <

<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/6774> >. Acesso em: 20 nov. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and other common mental disorders: Global health estimates**. Genebra: WHO, 2017. Disponível em:

<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf;jsessionid=9E77C9C817131B5CA8336187F9AFC59F?sequence=1>>

Acesso em: 2 Jan. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Ministério da Saúde (BR). **A report of the assessment of the mental health system in Brazil using the world health organization - assessment instrument for mental health systems (WHO-AIMS)** [Internet]. Brasília (DF): World Health Organization; 2007.

YONEYAMA, B. C.; MARUITI, A. M. P.; ESTEVES, R. Z. Um olhar sobre os usuários de medicamentos psicoativos acompanhados na Atenção Primária em Saúde em Maringá - Paraná. **Espaço Para A Saúde - Revista de Saúde Pública do Paraná**, Tarumã, Curitiba, v. 17, n. 1, p. 114-120, jul. 2016. Disponível em:

<http://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosauade/article/view/375>. Acesso em: 2 Jan. 2020.